

Sons e Sentidos: uma cartografia da era do rádio em Florianópolis

..... Aldonei Machado*

R e s u m o

Este texto traz à tona alguns sinais, algumas referências e reflexões, as quais podemos estabelecer entre o rádio e os indivíduos. Neste sentido, tal artigo faz parte de um estudo mais amplo, o qual tenta pensar a radiodifusão em seu início na cidade de Florianópolis, durante as décadas de 40 e 50, analisando, assim, suas relações com a cidade, as resistências e os conflitos suscitados, bem como discutir suas imbricações com a modernidade e as transformações no comportamento e no cotidiano de seus habitantes.

Palavras-Chave: Rádio - Cotidiano - Resistências - Modernidade.

A b s t r a c t

This text brings up some signs, references and thoughts we can establish between the radio and the individuals. In this sense, the article belongs to a ampler study the tries to think the radio broadcasting in its beginning in the city of Florianopolis during the forties and fifties. It analyzes its relationship with the city, the resistance and conflicts related and also discuss its overlapping with the modernity and the behavior and daly life's transformations of the inhabitants.

Key words: Radio, Daly life, Resistance, Modernity

"Atenção amigos ouvintes: a Rádio Diário da Manhã tem o prazer de apresentar...Bar da Noite." ¹

Solos de piano, encher e tilintar de copos, sussurros de vozes ao fundo, um garçom chamado Juca, um locutor de voz grave convidando as pessoas a se protegerem do vento sul castigante que sopra lá fora, acenderem um cigarro, tomarem um *drink* e ouvirem a voz mormaço de Neide Mariarrosa² cantando um sugestivo bolero: "*Você sabe bem que é mentira/ Mentira noturna de bar/ Bar, tristonho sindicato/ De sócios da mesma dor/ Bar, que é o refúgio barato/ Dos fracassados do amor*".

* Natural de Florianópolis. Graduado em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Aluno do Programa de Pós-Graduação - Mestrado em História - da Universidade Federal de Santa Catarina, sob orientação da Profª Drª Maria Teresa Santos Cunha.

¹ "Bar da Noite", programa produzido e transmitido pela Rádio Diário da Manhã de Florianópolis durante as décadas de 50 e 60. Fita K7 nº 11 e 12 - Acervo Casa da Memória - Fundação Franklin Cascaes, Florianópolis/SC.

² Neide Mariarrosa, cantora florianopolitana, foi revelada durante os anos 40 pelos programas de calouros da Rádio Guarujá.

As palavras descritas anteriormente, bem como a epígrafe acima citada, são referentes a um dos programas de maior audiência e aceitação por parte do público radiofônico e, quiçá, dos notívagos da capital catarinense dos anos 50 e 60. Também pudera! tal programa era transmitido por volta das 21:00 hs de todas as sextas-feiras e, depois de alguns chiados e pequenas falhas técnicas, uma avalanche de sons escapulia dos antigos receptores - Philips, RCA Vítor e Zenith - podendo, possivelmente, levar seu interlocutor ao devaneio, colocando-o numa perfeita aura de boemia e melancolia.

Aliás, devaneio, sonho, imaginação, intimidade, cumplicidade, entre outras, são expressões que podemos atribuir ao rádio e às relações estabelecidas entre o ouvinte e este aparelho de comunicação, e talvez por este motivo, inúmeros estudiosos têm se manifestado sobre os fenômenos inerentes à radiodifusão.

O filósofo francês Gaston Bachelard nos mostra “que o rádio está de posse de extraordinários sonhos acordados, dando ao ouvinte a impressão de um repouso absoluto; oferecendo uma imagem que não é apenas para ele; imagem esta que não necessita de um rosto”.³

Heloísa Bauab - diretora de teatro da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo ressalta “que ao rádio lhe é proferido uma outra e poderosa singularidade: sua principal característica reside na estreita cumplicidade deste veículo com o ouvinte, este último como pessoa, sujeito individual. O rádio sugere, por isso, uma relação mais próxima ao diálogo.”⁴

Assim sendo, tais relações de diálogo e de cumplicidade podem ser perfeitamente percebidas nas clássicas expressões “*amigo ouvinte*”, “*a você que está me ouvindo*” ou “*ouça agora, minha amiga*”, as quais eram anunciadas pelos locutores ao abrirem cada transmissão ou programa nos primórdios da radiodifusão brasileira. Ao dinamizar as transmissões ao plano do diálogo e, em última instância, ao plano da intimidade, a radiodifusão acabou por construir, nos milhares de amigos anônimos espalhados de norte a sul do país, uma certa sensibilidade, seja através do devaneio, da imaginação, do sonho e, principalmente, pela admiração aos locutores, músicos e artistas do rádio, a qual, em muitas ocasiões, chegou às raízes do fetichismo.

Esse caráter de feitiçaria tecnológica acompanhou todas as inovações ligadas à produção e reprodução dos sons nas últimas décadas, pois, conforme Walter Benjamin, “a reprodução técnica do som atingiu tal padrão de qualidade, que a mesma não somente pôde transformar em seus objetos a totalidade das obras de arte tradicionais, mas também, submetendo-as a transformações profundas, pôde conquistar para si um lugar próprio entre os procedimentos artísticos.”⁵

³ BACHELARD, Gaston. Devaneio e Rádio. In: **O Direito de Sonhar**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991. pp. 179-181.

⁴ BAUAB, Heloísa. Áudio, Ficções e Ritmos – engenharias do verbo e do som. In: **Revista da Usp – Dossiê Cidades**, nº 28. São Paulo: Março/Abril e Maio de 1990. p. 106.

⁵ BENJAMIN, Walter. A Obra de Arte na Era de Sua Reprodutibilidade Técnica. In: **Magia e Técnica, Arte e Política**. Obras Escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1985. pp. 167-168.

Por este viés, talvez possamos compreender o sucesso das radionovelas e radioteatros - ambas como manifestações artísticas - perante o público, durante o período de ouro da radiodifusão no Brasil. Público este não só feminino, mas também masculino, visto que "a radionovela era um gênero literário igual a outro qualquer. Não era só dona de casa que ouvia novela. Muito intelectual da cidade também não perdia um único capítulo."⁶

Podemos perceber, então, que daqueles aparelhos saíam sons, palavras, risos, músicas e choros. As pessoas podiam quase que visualizar em suas mentes os donos daquelas vozes, o que, possivelmente, explica o surgimento de artistas consagrados, ídolos, mitos e, conseqüentemente, de paixões e admirações via ondas de rádio.

Neste sentido, e por todas essas razões, o rádio vem se tornando objeto de estudo na área da História e como tal vem se constituindo como uma possibilidade de investigação pelas novas perspectivas de abordagem. De acordo com as novas tendências da historiografia, "os historiadores das décadas de 60 e 70 abandonaram os mais tradicionais relatos históricos de líderes políticos e instituições políticas e direcionaram seus interesses para as investigações da composição social e da vida cotidiana de operários, criados, mulheres, grupos étnicos e congêneres."⁷ No entanto, de acordo com Laurence Stone, "uma das mais surpreendentes mudanças recentes no conteúdo da História tem sido o crescimento bem repentino do interesse nos sentimentos, nas emoções, nos padrões de comportamento, nos valores e nos estados de espírito, levantando, assim, novas questões, experimentando novos métodos e pesquisando novas fontes."⁸

A pequena e pacata Florianópolis, até o começo dos anos 40, estava carente de uma emissora própria. Seus habitantes estavam sintonizados no mundo do "dial" apenas através das grandes emissoras de outros centros culturais do país, como, por exemplo, a Rádio Nacional do Rio de Janeiro e as rádios Tupy e Mayrink Veiga, ambas de São Paulo.

Somente em 1942, com a inauguração do "Serviço de Alto-Falantes Guarujá Ltda" - mais tarde "Rádio Sociedade Guarujá Ltda" - e em 1953, com a "Rádio Diário da Manhã"⁹, é que os ouvintes locais passaram a ter um contato mais íntimo e sólido com o que a radiodifusão era capaz de oferecer. Nas ruas, nas lojas, nos lares, nas praças, na publicidade, na política, no amor, nas produções musicais e literárias, enfim, nos próprios indivíduos, tais emissoras acabaram por ensejar novas relações culturais e diferentes espaços de sociabilidades, alterando sensivelmente o cotidiano dos habitantes da capital catarinense por pelo menos três décadas.

Porém, uma das questões que tentaremos discutir perpassa o caráter idealizado das emissoras de rádio nos seus primórdios, o qual é abordado em inúmeros trabalhos. Leituras iniciais levam-nos a pensar que tal meio de comunicação conseguiu abarcar por inteiro

⁶ FILHO, Gustavo Neves. **A Era do Rádio**. Jornal Ô Catarina! Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, nº 03, Junho de 1993. p. 04.

⁷ HUNT, Lynn. **A Nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p.02.

⁸ STONE, Laurence. **O Renascimento da Narrativa: reflexões sobre uma nova velha História**. Past and Present, nº 85, Novembro de 1979. pp 14 - 19. (Texto Datilografado).

⁹ Jornal A Gazeta. Florianópolis, 14 de Maio de 1946, nº 3.002. p. 02 & Jornal Diário da Manhã, Florianópolis, 14 de Abril de 1953, nº 296. p. 08.

todos os segmentos sociais, tornando-se, assim, um elemento integrado no cotidiano dos indivíduos logo no seu início, tanto em Florianópolis como em outros centros do país.

Todavia, de acordo com leituras e pesquisas previamente realizadas, as primeiras experiências com a radiodifusão no Brasil datam de 1922, quando houve uma barulhenta exposição comemorativa ao centenário da Independência na cidade do Rio de Janeiro, na qual “pouca gente se interessou pelas demonstrações experimentais de radiodifusão, realizadas na Estação do Corcovado. Acredita-se que a causa principal deste desinteresse tenham sido os alto-falantes instalados durante a exposição. Ouviam-se discursos e músicas reproduzidas no meio de um barulho infernal. Tudo era roufenho, distorcido e arranhando os ouvidos. Era, na verdade, uma curiosidade sem maiores conseqüências.”¹⁰

Desta maneira, o que podemos perceber com as palavras de Roquette Pinto é que as mesmas expressam a desconfiança, o pessimismo e a resistência dos indivíduos frente àqueles aparelhos capazes de reproduzir vozes humanas. Até mesmo setores da imprensa escrita olharam com desconfiança a chegada do rádio. Para muitos jornalistas, este era um veículo imediatista e loquaz, sem a perenidade da palavra impressa, pois um dos grandes debates surgidos com o fenômeno da radiodifusão perpassou a linguagem.¹¹ Neste sentido, na opinião de muitos indivíduos, a linguagem escrita, culta e erudita estaria sendo prejudicada pela linguagem mais coloquial, informal e sobrecarregada de gírias e expressões próprias dos profissionais do rádio.

Com relação às emissoras da capital catarinense, apesar das mesmas terem sido inauguradas em um momento relativamente tardio da radiodifusão no Brasil, e aliando-se ao fato de que algumas pessoas já estavam sintonizadas com outros rádios do eixo Rio-São Paulo, podemos perceber que as mesmas também sofreram uma série de críticas, indiferenças e resistências, visto que “*muitas pessoas achavam que não ia dar certo, que era coisa para quatro ou cinco meses e ia acabar falindo. Alguns jornalistas criticaram a instalação do serviço de alto-falantes, pois os mesmos gostavam da cidade pacata e quieta como antes. A cidade não tinha quase nenhum barulho nas ruas e, de repente, passou a ter música e notícia o dia inteiro.*”¹² Além disto, os pioneiros da radiodifusão florianopolitana, ao solicitarem o apoio do Governador/Interventor do Estado na época, Sr. Nereu Ramos, para implantar uma emissora na capital, receberam como resposta que “*se ele (o governador) tivesse sido ouvido antes, essas bocas de jacaré não estariam por aí incomodando as pessoas nas ruas.*”¹³

Ao realizarmos pesquisas em jornais veiculados na capital catarinense, conseguimos

¹⁰ PINTO, Roquette. Documentos Sonoros – 1900/1946. São Paulo: RCA, Abril Cultural, 1980/1982. LP n° 001/69.

¹¹ Com relação a esta polêmica, é interessante observar as reflexões de Mário de Andrade, o qual nos mostra que a linguagem é algo muito particular do grupo que a emprega. Cada grupo, regional ou profissional, se utiliza de uma linguagem própria e que, geralmente, não falamos da forma como escrevemos. Neste sentido, o rádio, por ser um veículo que transita no plano sonoro e verbal, ter a necessidade de utilizar, criar e recriar determinadas expressões que lhe são muito próprias. Ver ANDRADE, Mário de. A Língua Radiofônica. In: **O Empalhador de Passarinhos – Contos**. Brasília: Livraria Martins Fontes/Instituto Nacional do Livro, 1972. pp. 206-215.

¹² Acy Cabral Teive. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 10 de Maio de 1995.

Acy Cabral Teive, nascido em Florianópolis, atuou como jornalista, locutor e programador da Rádio Guarujá

¹³ Ivo Serrão Vieira. Entrevista concedida a Otávio Vampré. Ver **VAMPRE, Otávio. Raízes e Evolução do Rádio e da Televisão**. Porto Alegre: Feplan/RBS TV, 1979, p. 88.

detectar também uma série de críticas que estampavam a resistência a este novo veículo comunicativo. Primeiramente o silêncio, a indiferença, posteriormente comentários que tratavam sobre a péssima qualidade dos programas e até mesmo sobre o gosto e formação cultural dos ouvintes:

*"Fala-se muito da má qualidade dos programas de rádio. Entretanto, no dia em que os ouvintes demonstrarem marcada preferência pelos programas de mais elevada cultura, poderemos estar seguros que teremos melhores programas. Enquanto os fregueses gostarem de produtos ordinários, não podemos esperar que sejam fabricados produtos de primeira ordem."*¹⁴

A partir dos dados acima mencionados, podemos pensar que "o homem já nasce inserido em uma cotidianidade, e que determinados preconceitos – e resistências – são comportamentos criados também em um cotidiano."¹⁵

Neste sentido, para que possamos compreender tais resistências com relação ao rádio, devemos levar em consideração alguns aspectos: este aparente desinteresse e resistência deu-se, principalmente, pelo fato das pessoas não estarem acostumadas com transmissões de radiodifusão. O rádio, como um novo meio de comunicação, não fazia parte do cotidiano de milhares de pessoas dos mais variados segmentos sociais. Fazia-se necessário, portanto, criar uma cultura auditiva nos indivíduos, para que estes pudessem entrar em sintonia com aqueles aparelhos que encurtavam as distâncias, funcionavam como uma espécie de livro falado e criavam, em última instância, uma forma de comunicação invisível. Além disto, devemos pensar que o rádio sofreu tais resistências justamente por que possibilitou às pessoas novas formas de lazer, entretenimento e informação, mas, sobretudo, pelo fato de oferecer aos indivíduos novas formas de se relacionarem no corpo social. Muitos segmentos da população se sentiram incomodados porque seus costumes, suas rotinas de vida e suas relações sociais, até então exercidas, foram, paulatinamente, sendo transformadas em um novo cotidiano.

Apesar de Florianópolis dos anos 40 estar longe de se parecer com a "Paulicéia Desvairada" de Mário de Andrade, podemos pensar que a mesma possuía sons e ruídos muito específicos, os quais estavam inseridos no cotidiano de seus habitantes, como, por exemplo, o bater das ondas do mar, os pregões junto ao mercado público, os motores e buzinas dos poucos carros de praça que circulavam em seu perímetro urbano, o apitar dos navios Hoepcke e Max, os vendedores ambulantes anunciando seus produtos, o badalar dos sinos da catedral avisando o fim do dia, entre outros. Podemos perceber, então, que o barulho, a informação e a música, suscitados pelos alto-falantes espalhados pela cidade, entravam em contraste com o cotidiano de muitos de seus habitantes, os quais não estavam acostumados com esta nova "poesia da cidade"¹⁶. Poesia que, com

¹⁴ Jornal O Estado. Florianópolis, 24 de Junho de 1951, nº 11.167, p. 07.

¹⁵ HELLER, Agnes. Sobre os Preconceitos. In: **O Cotidiano e a História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 43.

¹⁶ O termo é referente a uma crônica publicada em 1925 no Correio Paulistano. Seu texto trata dos "gritos dos automóveis, do alarido matinal das fábricas, das carretilhas dos bondes, do rumor cotidiano dos martelos." O moderno, então, está relacionado com a velocidade, com o meio de transporte, com o avanço técnico, originando, assim, novos ruídos nas cidades. Ver PEDRO, Antônio. **A Locomotiva no Ar: rádio na cidade de São Paulo**. São Paulo: Programa de Pós Graduação em História da Universidade de São Paulo, 1987, p. 23 (Tese de Doutorado).

seus novos ruídos e sons, acabava por machucar os sentidos de alguns indivíduos resistentes ao novo e, em última instância, à modernidade. Modernidade esta que, ao se manifestar através das inovações tecnológicas, possui como característica a tradição da ruptura, da contraposição do novo com o antigo, ensejando, assim, conflitos, antagonismos e críticas,¹⁷ visto que *"a implantação de uma emissora de rádio podia ser considerada uma grandê e moderna conquista para a cidade de Florianópolis."*¹⁸

No entanto, conseguimos detectar que, paulatinamente, estes novos sons vão sendo assimilados e aceitos por diversos segmentos da cidade. Comentários, artigos, reclames e crônicas passaram a alertar a população sobre as potencialidades e, especialmente, sobre o caráter de modernidade deste novo veículo:

*"Estamos vivendo tempos novos e nos sentimos bastante à vontade para dizer que também tivemos culpa nessa nova mentalidade que invade a cidade de Florianópolis. Os últimos tempos têm sido de grandes novidades e conquistas. Agora só desejamos para a humanidade que esta procure se valer de todas as conquistas modernas, dentre elas as das comunicações, para que isso possa unir cada vez mais os povos e reuni-los em torno de ideais comuns."*¹⁹

Assim sendo, tais emissoras, lentamente, passaram a fazer parte da vida de uma parcela da população local, criando novos espaços de sociabilidade para os habitantes da cidade. Nesta perspectiva, podemos vislumbrar que a capital catarinense, há cerca de cinquenta anos atrás, já possuía determinados locais ou instituições, nas quais as pessoas iam manifestar seus sentimentos, paixões, crenças, hábitos, interesses e ideologias, bem como tecer suas relações sociais, como podemos observar numa crônica publicada em um periódico da cidade:

"Florianópolis acordou. No mercado já é grande o movimento de criaturas: uns a comprar, outros a vender. Nos pontos de ônibus da Praça e do Largo da Alfândega, o movimento recomeça: são escolares e trabalhadores. As ruas centrais estão cheias, principalmente a Felipe Schmidt e a Conselheiro Mafra. No Café Rio Branco, no Nacional e em vários outros, o elemento masculino da cidade está sentado, em redor das mesas, tomando a saborosa bebida. Sob a frondosa e gigantesca figueira, em modestos bancos, estão sentadas criaturas, lendo os jornais do dia, falando sobre futebol e política. Há movimento nas casas da cidade: Três Irmãos, A Soberana, Confeitaria do Chiquinho, Livraria Moderna, A Modelar. Enfim, anoitece e a cidade acende seus escassos anúncios luminosos. Na porta do cinema o povo se aglomera. Os cartazes chamam a atenção. O Ritz, o Roxy, o Imperial e o Odeon exibem

¹⁷ PAZ, Octávio. *Signos em Rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1976, pp. 133-134.

¹⁸ Antunes Severo. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 19 de Abril de 1998.

Antunes Severo, radialista e publicitário, atuou na Rádio Diário da Manhã de Florianópolis.

¹⁹ Comercial da Alphi Refrigeração, veiculado nas década de 40 e 50. Fita k7 n° 15 - Acervo Casa da Memória - Fundação Franklin Cascaes, Florianópolis/SC.

ótimos filmes e já as mulheres fazem seu footing. Os cafés e restaurantes estão repletos de visitantes eternos. A cidade dorme cedo, às 11:00 hs são raros os transeuntes."²⁰

Sendo assim, podemos perceber também que as emissoras de rádio da Ilha-Capital acabaram por criar e inserir, com seus programas, novos espaços e novas práticas sociais, as quais alteraram sensivelmente o cotidiano e os modos de vida de alguns setores da população de Florianópolis, pois *"muitas pessoas paravam embaixo dos alto-falantes para escutar músicas, para ouvir o Instante da Prece na Praça XV no final da tarde, ou, então, para entrar em contato com as notícias do Momento Esportivo Brabma."*²¹

Dentro desta perspectiva dos novos espaços de sociabilidades, podemos tentar também relacionar e problematizar o sucesso dos tradicionais "oferecimentos musicais", os quais podiam ser considerados um *"programa da moda, pois existiam muitos oferecimentos. Muitas pessoas gostavam de oferecer e pagavam porque sabiam que as namoradas e namorados gostavam e estavam ouvindo. Muitas pessoas chegavam ao ponto de alguém oferecer para alguém. Mas a grande maioria se identificava: fulano oferece para a senhorita tal como prova de amor, carinho e admiração."*²² Neste sentido, podemos pensar que tal prática social permitiu, aos habitantes de Florianópolis, novas formas de sociabilidades, as quais permeiam as questões entre o público e privado. Tais oferecimentos ensinaram, aos homens e mulheres da cidade, uma nova maneira de exteriorização dos seus sentimentos íntimos. Ao oferecer músicas, os indivíduos podiam comunicar e desenvolver suas paixões e admirações, estabelecer novas e diferentes relações/jogos de sedução, demonstrar gentileza e polidez, bem como apresentar aspectos subjetivos de suas vidas e sentimentos, desenvolvendo, assim, uma subjetividade individualizada, única, ou seja, burguesa.

Finalizando este texto, utilizamos as palavras do teórico norte-americano Marshal Berman, o qual nos mostra que *"ser moderno é encontrar-se num ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em seu redor, mas, ao mesmo tempo, ameaça destruir tudo que temos, tudo que sabemos, tudo que somos."*²³

Sendo assim, consideramos também que a radiodifusão perpassa estas relações manifestadas por Berman sobre a modernidade. O rádio, por onde quer que tenha passado, deixou rastros. Trouxe, de uma maneira ou de outra, a alegria, estampada no rosto apaixonado da fã; a aventura, seja com a radionovela ou com o radioteatro; o poder, ao ser utilizado por determinadas ideologias políticas; a modernidade, ao encurtar as distâncias; a transformação, ao criar uma forma de comunicação invisível; a cultura e o saber, ao funcionar como um livro falado e a transformação social, ao criar novas estéticas, novos comportamentos e, principalmente, novos motivos para as pessoas se relacionarem no corpo social, seja na Praça XV, escutando as audições em homenagem à Virgem Maria, ou, então, num auditório abarrotado de gente, as quais se divertiam com os quadros humorísticos, deliciavam-se com os sucessos musicais da época ou torciam por aqueles

²⁰ A Vida em Florianópolis. Jornal O Idealista. Florianópolis, Junho e Agosto de 1946, nº 09 e 10. p. 01.

²¹ Acy Cabral Teive. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 08 de Maio de 1995.

²² Acy Cabral Teive. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 08 de Maio de 1995.

²³ BERMAN, Marshall. **Tudo Que É Sólido Desmancha no Ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Cia das Letras, 1986. p. 15.

e aquelas que tentavam a sorte e o sucesso diante de um microfone.

Mas o rádio, ao mesmo tempo, trouxe consigo a angústia, o conflito, traçando uma tênue linha entre a possibilidade de expansão da vida e a ameaça de sua destruição, como, por exemplo, a do Negro Fuzaca,²⁴ o qual, desesperado, viu sua atividade de homem-megafone praticamente desaparecer. Sua voz de trovão e sua potente garganta ficaram fragilizadas perante a concorrência criada a partir do Serviço de Alto-Falantes Guarujá Ltda. Além disto, tal veículo de comunicação acarretou também embates entre a senhora, seu marido, sua enteada e sua futura nora, sendo que estes três últimos *“tinham que escutar rádio escondidos, visto que eram proibidos em função das diversas lidas domésticas que precisavam ser realizadas, pois, para muitas pessoas, o ato de acompanhar programas de rádio era coisa para desocupados.”*²⁵

²⁴ Ver SIMÕES, Aldfrio. Negro Fuzaca. In: **Domingueiras: sou ilhéu graças a Deus**. Florianópolis: Papa Livro Editora, 1990. pp. 63-64.

²⁵ Maria Ana Machado. Entrevista concedida a Aldonei Machado. Florianópolis, 12 de Abril de 1997.

Maria Ana Machado, natural de Bom Retiro/SC, transferiu-se para a capital catarinense em 1951, tornando-se ouvinte das rádios Guarujá e Diário da Manhã.